

O CURRÍCULO ESCOLAR E AS VARIÁVEIS QUE INTERFEREM NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO ALUNO

SILVA, D.R¹,

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Bagé – RS – Brasil. Deborarocha146@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre o currículo escolar e a formação identitária do sujeito. Tem como objetivo investigar a estrutura do currículo escolar diante do processo de constituição da identidade do aluno, aprofundando a reflexão sobre questões relativas ao autoconceito, autoimagem e autoestima na escola. Busca também, traçar indicadores mediante a relação das teorias do currículo e o processo de subjetivação, além de discutir a relação intrínseca entre os conceitos das teorias curriculares no que tange a constituição da identidade do discente e o ensino contemporâneo ministrado nas escolas. A ancoragem teórica se fundamenta em Arendt (2009), Hall (1997), Larrosa (1994), Macedo (2011), Rose (2001), Silva (1999). Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa tendo como técnica central a pesquisa bibliográfica. Os resultados parciais apontam, diante dos recursos analisados, que o processo de apropriação crítica no contexto educativo, requer, contudo, considerar o aluno uma pessoa, uma identidade em formação, acolhendo as dimensões afetivas, subjetivas e culturais a ele inerentes.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo escolar; formação da identidade; processos de subjetivação.

1 INTRODUÇÃO

Na educação brasileira, há uma ausência de reflexão sobre os aspectos relativos a imagem que o aluno faz de si, dentro e fora da sala de aula, diante das relações de subjetividade ocorridas no espaço escolar mediante os objetivos de ensino e a função social da escola. Essa situação-problema interfere sensivelmente no desempenho escolar desses sujeitos, no entanto, contrariando essa afirmação, a investigação dos conceitos referentes à identidade do aluno não tem sido uma preocupação muito frequente entre os pesquisadores da área educacional, nos últimos tempos.

Sob esse contexto, o estudo problematiza em como o currículo escolar propõe o desenvolvimento dos aspectos relativos a identidade do aluno no contexto educacional. Propõe-se, portanto, estruturar o trabalho pedagógico específico do docente unindo-se a esses diferenciais, tornando a descoberta do conhecimento e a reflexão das aprendizagens, função da escola, fundamentalmente reais e funcionais para os alunos compreenderem o seu papel social e funcional em suas vivências subjetivas e sociais.

Nesse sentido, pesquisa intitulada “ O Currículo escolar e as variáveis que interferem na formação identitária do aluno”, buscou investigar a estrutura do currículo escolar diante do processo de constituição da identidade do aluno, buscou também, aprofundar a reflexão sobre questões relativas ao autoconceito, autoimagem e autoestima do aluno na escola, traçando indicadores mediante a relação das teorias do currículo e o processo de subjetivação, além de discutir a relação intrínseca entre os conceitos das teorias curriculares no que tange a constituição da identidade do discente e o ensino ministrado nas escolas.

A experiência que apresenta repercussões na formação identitária de cada indivíduo, são aquelas que incidem em todas as suas esferas de atuação social, tornando-se indispensáveis para proporcionar instrumentos para o reconhecimento do outro e a emancipação de ambos. Esses elementos são os conceitos referentes a percepções e sentimentos do sujeito com relação a si próprio, o elemento self e/ou ego.

Em *Inventando Nossos Eus*, Nikolas Rose (2001), observa que certas práticas regulatórias buscam governar os indivíduos de uma maneira que está, mais do que nunca, ligada àquelas características que o definem como um "eu". Da mesma forma, as ideias de identidade e seus cognatos têm se colocado no centro de muitas das práticas nas quais os seres humanos se envolvem. E questiona, teremos nós, então, apesar dos argumentos dos filósofos e teóricos críticos, nos tornado "sujeitos psicológicos"? Para o autor, é hora de abordar a questão da "subjetividade" mais diretamente, não em termos dos efeitos da "cultura" sobre a "pessoa" ou em termos de uma "teoria do sujeito", mas buscando caracterizar, por assim dizer, o modo de ação das diversas tecnologias psi de subjetivação.

Diante disso, é possível inferir que as identidades sociais são construídas no interior da representação, através da cultura e não fora dela. Para Hall (1997), elas são o resultado de um processo de identificação que permite no posicionar no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou subjetivem (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Portanto, nossa compreensão de todo esse processo teve que ser completamente reconstruída pelo nosso interesse na cultura, pois cada vez é mais difícil manter a tradicional distinção entre interior e exterior, entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém.

Nesse contexto, as teorias curriculares e a concepção identitária do discente, aprofunda, para tanto, os conceitos de identidade e subjetividade, ou seja, o desenvolvimento do eu, ancorados no contexto conceitual das teorias do currículo de Tomaz Tadeu da Silva na obra *Documentos de Identidade* (1999). Segundo o autor, nas teorias do currículo a pergunta, o que é currículo? Nunca está separada de uma outra questão, o que eles ou elas devem ser? Ou melhor, o que eles ou elas dever se tornar? Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Afinal, um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão seguir aquele currículo. “No fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de ‘identidade’ ou de ‘subjetividade’”. (SILVA, 1999, p. 15)

Condizente a essas inferências, a formação do sujeito no contexto escolar contemporâneo perpassa pela escola e, em particular, a sala de aula, considerando-

a como um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento das identidades de cada indivíduo. Confirma-se sob esse aspecto, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar.

Nesse contexto, Jorge Larrosa em *Tecnologias do Eu e Educação* (1994) considera como reais aquelas práticas pedagógicas nas quais se transforma a experiência que as pessoas têm de si mesmas. Sendo a única condição é que sejam práticas pedagógicas, nas quais o importante não é que se aprenda algo "exterior", um corpo de conhecimentos, mas que se elabore ou reelabore alguma forma de relação reflexiva do "educando" consigo mesmo. Trata-se, pois, de mostrar a lógica geral dos dispositivos pedagógicos que constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo, como se fosse uma gramática suscetível de múltiplas realizações.

Confirmando essas proposições, Arendt (2000) afirma que a verdadeira dificuldade na educação moderna está no fato de que, a despeito de toda a conversa da moda acerca de um novo conservadorismo, em nossos dias, é extraordinariamente difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado.

Contudo, segundo a autora, deve-se questionar o que se define por ensinar, sabe-se que uma educação sem aprendizagem é vazia e, portanto, degenera, com muita facilidade, em retórica moral e emocional. É muito fácil, porém, ensinar sem educar, e pode-se aprender durante o dia todo sem por isso ser educado. Para a autora, a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens.

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não as expulsar de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa tendo como técnica central a pesquisa bibliográfica. Definida por Gil (2009) como uma pesquisa que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, para assim obter uma maior cobertura dos fenômenos e maior certeza nos resultados.

Por meio da pesquisa qualitativa é possível obter maiores possibilidades de reflexão, pois a análise qualitativa apresenta várias abordagens teóricas e seus métodos auxiliam na caracterização de discussões e auxiliam para a prática da pesquisa, dessa forma, afirma Flick (2004) citado por Gil (2009), o pesquisador tem seu papel evidenciado na qualidade dos resultados, uma vez que sua subjetividade e seus conceitos de verdade influenciam diretamente na pesquisa.

Vale afirmar que a intenção da presente pesquisa está em investigar a estrutura do currículo escolar diante do processo de constituição da identidade do aluno. Dessa forma, foram estudados os conceitos das Teorias do Currículo (SILVA, 1999), conceitos de Identidade e Subjetividade (ROSE, 2001), Contexto Escolar e Formação do Sujeito (LARROSA, 1994, ARENDT, 2000).

3 CONCLUSÃO

A escola é uma instituição social que tem por finalidade garantir a educação de uma sociedade, assegurando que os direitos e saberes por ela proferidos se perpetuem através das gerações. Nesse sentido, o conceito de ambiente educativo deve estar diretamente comprometido com as questões do currículo escolar e as propostas direcionadas ao desenvolvimento dos aspectos relativos a identidade do aluno no contexto educacional.

A apropriação crítica do contexto educativo requer, contudo, considerar o aluno uma pessoa, uma identidade em formação, acolhendo as dimensões afetivas, subjetivas e culturais e ele inerentes. Por sua vez, essa ideia do formar relaciona-se à preocupação da escola para com o desenvolvimento de capacidades de organização, disciplina, autocontrole, a fim de que o aluno possa, na trajetória de sua escolarização e de sua vida adulta, trabalhar com seu corpo e seus conhecimentos, visando se autogovernar num tempo que exige processamento rápido num espaço complexo, devido à sua amplitude.

Com esse trabalho espera-se contribuir reflexivamente para o desenvolvimento de um contexto global de ensino que propicie a constituição e o desenvolvimento integral dos conceitos referentes à identidade do aluno no ambiente escolar. Com vistas a contemplar um processo educativo onde as vozes do discente possam ser ouvidas na escola de forma heterogenia e que os profissionais da educação reflitam sobre suas práticas entendendo o peso e o valor que suas ações têm sob a vida dos alunos, haja visto pelas reflexões realizadas neste trabalho de pesquisa. Além disso, espera-se contribuir para que mais pesquisas acerca da temática sejam desenvolvidas e que a academia desempenhe seu papel de auxiliadora no processo de disseminação do conhecimento a fim de contribuir para esse pensamento.

4 REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. In Entre o Passado e o Futuro. Editora Perspectiva, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4^o ed. São Paulo. Atlas, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos eus.** In.: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.